

Zé Tarcísio lança CD Rom



23.47 - 02.04.2005

Lançamento acontece no Brasil e Portugal

Na próxima quinta-feira, 7 de abril, às 19h30 no auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o artista plástico Zé Tarcísio, lança a primeira edição em CD Rom de seu fazer artístico. A tragem inicial é de três mil exemplares e o lançamento acontece no Brasil e em seguida em Portugal, iniciando a trajetória de lançamento em várias cidades da Europa.

Quando falamos de artista plástico, na verdade estamos sendo modestos ao qualificar Zé Tarcísio. Sua performance como criador se espalha por diversas áreas. Além da pintura, ilustração e da escultura, o criador multimídia também tem incursões pelo teatro, cinema, televisão, rádio, fotografia e na educação via arte. No total são 44 anos de fazer artístico e vanguardismo num estilo próprio e plural.

Um artista, ele mesmo, se define como um repórter, ou melhor um "repórter plástico", cujas obras são traduções de uma observação delicada e profunda sobre o mundo e sua vida.

A ideia do CD Rom surgiu a partir do trabalho realizado pela arquiteta Patrícia Meneses Maciel, auxiliada pelo artista plástico Derson Pinheiro, em 2003, que fez o meticuloso levantamento do acervo artístico.

Zé Tarcísio abriu suas escrivânias, baús, e escritos e multímedios e o resultado foi impressionante. Um acervo digno de colecionador exigente e privilegiado.

Na verdade, o CD Rom é um primeiro passo na documentação da obra de Tarcísio, mas ele próprio muito mais ao revelar uma biografia que fala de uma Fortaleza ainda pacata, onde nasceu em 6 de fevereiro de 1941. Sua infância e adolescência e depois a partida para um Rio de Janeiro com Lapa e Copacabana sedutores e ainda não perigosos. O Catete e Santa Teresa. Para o exterior ele já vai premiado e depois o retorno à terra natal que se tornou o ponto seguro para outras partidas para além-mar ou países vizinhos. Os retornos traziam também novas inspirações e marcam a trajetória de uma obra que explora o meio ambiente, os animais, os homens, a história, o sexo, a família, o outro cinematográfico, os passeios, o universo, os vícios, a estética e a fé. Na verdade uma obra multifacetada que é a cara do próprio artista: pintor, ilustrador, escultor, fotógrafo, ator, radialista, professor, figurinista, maquiador místico, apócritico, metafísico, evocorista, pagão, bruto e duende. Ele mesmo o próprio exemplo de sua pluralidade, simples apenas num sentido: de um rigor estético inquestionável. Um artista em dia com a história desde pai. Detentor de quase todos os prêmios nacionais que se possa imaginar, e como ele mesmo diz, em plena criação. Inovador até neste sentido, faz memória viva de um acervo que ainda está em plena produção. Contam-se 44 anos de criação e muitas ideias que ainda vão desembocar em trabalhos que podem deixar muitos de queixo caído. Não apeneta 64 anos de vida. E porvem de espírito.

Na biografia inclusa no CD Rom, Zé Tarcísio revela que foi adotado e Marieta, a mãe biológica, assumiu o fardo naquela década de 1940 de como se chama hoje uma produção independente. Isto jamais foi entrave para uma relação harmoniosa entre eles e a família que o adotou.

A infância foi tranquila e feliz ali na Vila Dória, à sombra das torres da Igreja de São Benedito no Centro de Fortaleza. Como ele conta: Dona Chiquinha era a matrinca da família que o adotou. Ela chamava de "mamãe". Ela era baixinha, índia pura. Ele costumava acompanhá-la às idas ao mercado. Ela era muito corfehada na Vila e todos a chamavam de "vó". Como sempre recebe presentes da vizinhança, voltavam para casa com a cesta cheia de frutas, verduras. Apesar de pobres era farta e o ano todo.

Na Igreja São Benedito fez o catecismo. Muito religioso chegou a ser coroinha. Numa das noites na sacristia descobriu a máquina Rollei. Subiu ao coro de igreja e fotografou o altar. Quando o padre resolveu que alguém havia mexido no equipamento. A bronca para a merinada do catecismo fez com que todos calassem, mas o elogio ao ângulo da foto deu coragem para que ele revelasse a traquinagem no confessional. A penitência formou 10 Glória ao Pai, Pe' Nossos e Ave-Marias, mas foi promovido a fotógrafo que começou a registrar os passeios, pequinices, netos e o catecismo. Ele confessa que isto despertou o desejo de fotografar mais ainda e no futuro vindouro esta seria uma das incursões artísticas pela ele adentraria. Tudo isto está registrado no CD Rom.

Em 1958 os Diários Associados tinham em Fortaleza os jornais O Unitário e Correio do Ceará. Através de Eduardo Brígido, que ele carinhosamente chamava de "To Dudu", conseguiu outras câmeras e saiu fotografando a casa onde nasceu, a família, a Vila Dória e o povo de Fortaleza. A obra é um painel que Zé Tarcísio mantém até hoje junto às outras, é claro!

O primeiro emprego foi na Casa Parente, mas o destino não somos nós que escolhemos e a loja ficava em frente à Antia. A hora do almoço era um tempo sagrado para namorar os equipamentos na vitrine e no balcão. Não demorou muito, atraiu a atenção de Nelson Leão, veio o convite de Antonio Albuquerque e Zé virou fotógrafo. A câmera de fotografia teve uma passagem rápida do Estado esdras e depois o retorno a Antia.

Chegou a ano de 1961 e Zé transferiu-se para o Rio de Janeiro. Levava uma carta de recomendação para o irmão de Antonio, Chico Albuquerque, que na época já morava em São Paulo. O gosto pela aventura o levou até lá e ele foi observador em loco das criações para publicidade de Chico Albuquerque.

O retorno ao Rio de fazer desambolar outra carta de recomendação a visitar Assis Chateaubriand. Era o resultado do trabalho nos Diários Associados que estavam descritos na missão de Manoelito Esdras, o editor-chefe dos Associados em Fortaleza. Havia ainda um cartão de recomendação do fotógrafo Gervásio Batista. Tudo isto proporcionou a Zé fotografar o desfile de Miss Brasil 1962.

Todas estas histórias estão no CD Rom, um trabalho realizado pelo designer Lindemberg Freitas, da Pincos Artes. O designer se empenhou no trato do material, que é uma galeria virtual, sonizada e apresentada em Flash.

O CD Rom foi prensado na CD+ Nordeste Digital Line S/A e o invólucro, uma caixa com quebra-cabeça que tem para montar uma foto da obra "Luzid", um retratado de Nicólas Gondim, foi impresso pela JJ Gráfica. A foto do convite do lançamento do CD Rom é do fotógrafo Sílvia Saravina, nossa colega na redação do Diário do Nordeste.

Depois do lançamento, o empresário Célia Paula recebeu para a festa em homenagem ao Zé na Faria da Casa Alheia, noite de sucesso na cidade com muita dança sob o comando musical do modernismo DJ Fran Viana e seus convidados no Buoni Amici's Sport Bar, naquele conquireto arquitetônico de época que compõe o Centro Cultural Dragão do Mar, vizinho onde Zé Tarcísio mantém seu atelier e reside. O artista está preparando o ano para que ele possa fazer locais que podem ser visitados no Centro Cultural, o que deve estar acontecendo até a próxima alta estação turística da cidade.

Amury Cândido

ALAN NETO BELEZA CENA G MUITO PRAZER VERTICAL S/A OMBUDSMAN

ASSINE IMPRESSOS E CARRERAS VÍDEOS REVISTAS ACERVO TRABALHE CONOSCO TALE COM A CRIE O PIVO CRIAT

PRIMA, 23/04/2013

Livre para criar

Não mais de 30 anos com o atelier instalado no meio da boemia da Praia de Iracema, o multifacetado Zé Tarcísio levou o nome das artes plásticas carcerosas para os mais renomados salões do mundo

NOTÍCIA 0 COMENTÁRIOS



No meio da algarazara boêmia que cerca o Centro Cultural Dragão do Mar, o artista plástico Zé Tarcísio, 72, encontra paz para criar. Pela antiguidade do galpão onde está instalado o seu atelier, é de se pensar que há 30 anos, quando chegou por ali, era a tranquilidade da sua Praia de Iracema que lhe inspirava. Mas não. Foi o movimento dos cabanos e dos depósitos de cargas instalados naquela Praia de Iracema que lhe chamou para ficar. E não achava um lugar decadente, achava empoeirado, mas sabia que era um lugar cheio de

PRIMA

Livre para criar

0

GÊNIOS DA RAÇA

Paulista de muitas Martas

0

GÊNIOS DA RAÇA

O colosso de Ricardo

0

f) recomendada 0

Twitter

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

0

Audifax Rios, artista plástico e cronista do OPOVO

Secult lança almanaque de Zé Tarcísio

A obra é fruto de pesquisas das autoras Núbia Agostinha e Aline Albuquerque e faz parte das comemorações dos 70 anos do artista plástico

Por Tribuna do Ceará em Fortaleza
3 de novembro de 2011 às 12:15

Há 5 anos



A Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), realiza nesta sexta-feira (4), às 19h no Passeio Público, o lançamento do "Almanaque do Zé". A publicação é uma homenagem ao artista plástico fortalezense.

A obra é fruto de pesquisas das autoras Núbia Agostinha e Aline Albuquerque e faz parte das comemorações dos 70 anos do artista plástico homenageado no 62º Salão de Abril.

O "Almanaque do Zé" é dividido em seis capítulos temáticos, que narram um pouco da vida e obra desse artista cearense, que carinhosamente ficou conhecido como Zé. A infância, as incursões no rádio, cinema, teatro e TV, e por último as artes plásticas.

O homenageado

José Tarcísio Ramos (Zé Tarcísio), nasceu dia 8 de fevereiro de 1941 em Fortaleza. Em 1961, Zé Tarcísio se mudou para o Rio de Janeiro. Em 1964, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Frequentou o curso por três anos e chegou a ser premiado em alguns salões. Em 1971, saiu do Brasil e integrou a VII Bienal Jovem de Paris. Em 1998, mudou-se novamente para Fortaleza, onde seu trabalho foi reconhecido e consagrado.



EXPOSIÇÃO 26/09/2016

Arte naïf no Centro



NOTÍCIA 0 COMENTÁRIOS

Imprimir A+ A-

Tereza Monteiro
terezamonteiro@opovo.com.br



FOTOS DIVULGAÇÃO

Após passar pelo Sesc-Iracema, a Mostra Sesc de Arte Naïf encontra-se agora no Espaço das Artes do Sesc-Centro. Com visitação gratuita até o dia 31 de outubro, a coletiva reúne o trabalho de nove artistas locais.

Entre pinturas e esculturas com a temática, a Mostra Sesc de Arte Naïf - sob a curadoria do também artista Zé Tarcísio - torna-se uma vitrine para nomes locais desde

sua primeira edição, realizada no ano de 2007.

Nos temas, a retratação do cotidiano do homem simples, suas festas, folguedos e brincadeiras populares em telas de nomes conhecidos como é o caso de Nogueira e Cantídio (maracatus).

Oriundo do francês, o termo naïf designa a arte produzida por artistas sem a chamada formação acadêmica, enfatizando a simplicidade, a liberdade dos traços.

Serviço

Mostra Sesc de Arte Naïf

Quando: até 31 de outubro

Onde: Espaço das Artes do Sesc-Centro (rua 24 de Maio, 692)

Horários de visitação: de segunda a sexta, das 9 às 21h; e aos sábados, de 9 às 13h

Entrada franca

Telefone: 3455 2100

Escorpião

(0)

DESTAQUES

Na Colônia Penal em cartaz
(0)

Santo do dia

(0)

ZÉ TARCÍSIO 13/02/2015

Tomie Ohtake passou pelas dunas de Canoa Quebrada com Zé Tarcísio

NOTÍCIA 0 COMENTÁRIOS

🔖 A+ A-

Recomendar 0

Twitter

+1 2

Print

COMPARTILHAR

Foi através da reportagem que o artista plástico Zé Tarcísio soube da morte de Tomie Ohtake. Muito abalado, ele pediu um tempo para que pudesse se acostumar com a notícia. "Bateu a saudade. Essa é a minha primeira expressão", disse o cearense. Zé e Tomie se conheceram nos anos 1960, época de grande efervescência criativa para ambos.

Convivendo nos meios artísticos do Sudeste, onde o fortalezense fez morada, eles reforçaram uma amizade que ganhava novo fôlego a cada encontro.

Um desses encontros aconteceu na década de 1980, quando Zé Tarcísio já estava de volta a Fortaleza. Durante uma exposição, a artista japonesa chamou o amigo e lhe confessou: "Quero conhecer as dunas do Ceará. Pode ser amanhã?". No dia seguinte, às 10 horas, eles tomaram um carro emprestado da também artista Heloísa Juagaba e partiram para Canoa Quebrada. "Ela queria era subir numa duna. Lá, a gente passou pelo pôr do sol. O amarelo da iluminação a encantava", lembra Zé Tarcísio.

O passeio durou um dia. Os artistas conversaram sobre o sol, as cores e o mar. Zé Tarcísio não lembra a última vez que encontrou Tomie, mas chegou a cumprimentá-la nos últimos aniversários. "Ela era uma pessoa muito sincera, alegre, atenciosa", diz o cearense, lembrando que eles chegaram a trocar trabalhos. **(Marcos Sampaio)**

> TAGS: TOMIE | OHTAKE

Zé Tarcísio expõe na Argentina

04 de outubro de 2012 às 14:38 Artes, Ceará, Internacional



O artista plástico cearense **Zé Tarcísio** (71) participa, em Buenos Aires, da mostra "Conexões Latinas". O evento congrega artistas de países da América do Sul e México expondo trabalhos em vários gêneros.

Zé Tarcísio expõe ali "Caminhos da Serigrafia".

"Esse trabalho é uma releitura de algumas obras produzidas, especialmente, nas décadas de 1960-1970. Um período marcado pelo "boom" das artes plásticas brasileiras e a atmosfera de horror e repressão da ditadura militar. Sou como um repórter das artes, pois registrei todo esse contexto nas minhas gravuras", diz.

(Foto - Paulo Móska)

CADERNO 3

Documentário conta Zé Tarcísio



01:05 - 25.07.2007

O documentário "ze.com", de Luiz Carlos Lacerda (o Bigode) será lançado em Fortaleza no próximo dia 30, segunda-feira, no Dragão do Mar.

O cineasta, Luiz Carlos Lacerda (o Bigode) acabou de concluir o documentário "ze.com" sobre a vida e obra do artista plástico cearense Zé Tarcísio. Com 15 minutos de duração, o filme foca a obra de Zé Tarcísio a partir dos anos 50 mostrando, principalmente, as festas populares e os ex-votos de São Francisco, de Canindé, sempre presentes na obra de Zé Tarcísio. Além disso, o documentário traz depoimentos do artista plástico Luiz Aquila, do cineasta Rosemberg Cariry e do escritor Ricardo Cravo Albin. O documentário "ze.com" será lançado no próximo dia 30, segunda-feira, às 19h30 min, no restaurante Dragão do Mar. O cineasta Luiz Carlos Lacerda estará presente.

Segundo Zé, os anos 50 foram muito importantes para sua formação como artista. Na época, ele teve contato direto com as manifestações populares que "me deram subsídios para a minha obra até os dias de hoje". Zé tomou contato com as festas religiosas - romarias, procissões, novenas e com os múltiplos aspectos das feiras nordestinas com seus mamulengos, cordelistas e cantadores. Os ritos rituais do nosso folclore não passaram despercebidos por Zé Tarcísio como os pastores e reisados. Tudo documentado em sua obra. O filme de Luiz Carlos Lacerda pontua os passos de Zé Tarcísio neste campo - o da cultura popular.

Bastante premiado, Zé Tarcísio participou de várias bienais - da Sétima Bienal de Paris, de duas bienais de São Paulo (numa delas ganhou o prêmio de aquisição pelo Itamarati), e recentemente, participou da Bienal de Valência, na Espanha. No Salão Nacional, de 1974, no Rio Janeiro, Zé Tarcísio ganhou o prêmio de viagem com "O Regador", e, em 76, sua obra foi gravado em selo pela Empresa Brasileira dos Correios. Hoje "O Regador" encontra-se na sala do Século XX do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. "Me considero um artista-reporter. Os momentos da minha vida estão presentes no meu trabalho, como por exemplo, uma fase em que explorei a especulação imobiliária com todas as suas mazelas sociais com a expulsão de nativos de áreas de interesses imobiliários".

O filme "ze.com" foi realizado em 2006. Zé Tarcísio e Luiz Carlos são amigos há 40 anos. Quando visitou Fortaleza, em 2006, Luiz Carlos ficou curioso com a coleção de ex-votos de Zé Tarcísio, objetos guardados por Zé ao longo dos anos. "A princípio comecei a juntar ex-votos ainda criança. Para mim, eram brinquedos. Depois, da minha ida ao Rio de Janeiro, em 1961, tomei conhecimento do valor cultural que aquilo representava para a cultura popular nordestina através do artista plástico Antônio Bandeira, que possuía, em seu ateliê, alguns exemplares. Daí me interessei pelo assunto. Bandeira me apresentou a estudiosos do assunto e, de lá pra cá, minha coleção tem sido enriquecida de dados e participado de exposições importantes sobre a arte popular nordestina em todo o mundo", diz o artista.

O documentário "ze.com" foi realizado em apenas uma semana, tempo suficiente para que Luiz Carlos focasse parte da vida e do processo criativo de Zé Tarcísio, particularmente sua coleção de ex-votos. O filme já participou de vários festivais e mostras. Participou da Mostra de Cinema de Tiradentes, em Minas Gerais; do 30º Festival de Cinema de São Luis e foi exibido na Bienal de Valência, na Espanha. Em Fortaleza, será lançado no próximo dia 30, segunda-feira, às 19h30min no restaurante Dragão do Mar através de um telão com a participação do diretor Luiz Carlos Lacerda.

O diretor

Luiz Carlos Lacerda é diretor de cerca de 30 documentários sobre várias personalidades da cultura brasileira, entre elas, Nelson Pereira dos Santos, Barão de Itararé, Ernesto Nazareth, João da Bahiana, Lúcio Cardoso, Cecília Meireles e Waldir Ayala. Realizou várias longas - "Mãos Vazias", "O Princípio do Prazer", "Leila Diniz", "For All" e "Viva Sapato". Respeitado nacionalmente, Luiz Carlos Lacerda passou por várias fases do cinema brasileiro, no entanto, seu foco maior é o documentário. Atualmente, o cineasta está em fase de conclusão do filme "O Bom Crioulo", baseado na obra do cearense Adolfo Caminha.

29/02/2014 06h34 - Atualizado em 29/02/2014 06h34

Zé Tarcísio apresenta obras inéditas em exposição no Palácio da Abolição

"Percursos Urbanos" entra em cartaz na galeria do Palácio da Abolição. Exposição tem visitação pública gratuita a partir desta sexta-feira (21).

De G1 CE



Obra de Zé Tarcísio (Foto: Gentil Barreira/Divulgação)

O artista plástico cearense Zé Tarcísio apresenta 21 obras inéditas na exposição "Percursos Urbanos". A mostra entra em cartaz para visitação pública a partir desta sexta-feira (21) na galeria do Palácio da Abolição. A exposição tem curadoria do próprio Zé Tarcísio e produção de Luis Carlos Sabádia.

"Percursos Urbanos" traz uma série de paisagens em acrílicos sobre tela que brincam com a perspectiva. São 15 grandes quadros (3m x 1.80m), que tomam o espaço da galeria do Palácio, enquanto outras seis obras no tamanho médio (95 cm x 65cm) ocupam a sala menor.



Obra de Zé Tarcísio (Foto: Gentil Barreira/Divulgação)

A temática central da exposição são as paisagens em momentos e movimentos de Fortaleza, cidade natal de Zé Tarcísio. As pinturas ganham expressão com o uso seletivo dos tons de preto, branco e cinza a partir da "trompe-l'oeil", técnica que usa truques de perspectiva para criar ilusão óptica na mostra de cenas ou formas que não existem de fato.

Com as perspectivas criadas, Zé Tarcísio, aos 58 anos, afirma querer invocar o público a "uma provocação visual" em cada quadro. "Percursos Urbanos" por Zé Tarcísio fica em

cartaz durante 2014, ainda sem data prevista de encerramento.

A visitação é gratuita. Os horários de funcionamento são de terça à sexta-feira, das 9 horas às 17 horas, e, aos sábados e domingos, das 13 horas às 17 horas. A exposição possui serviço de monitoramento e guias. O público deve apresentar RG e CPF. Acima de dez pessoas, é necessário fazer agendamento por telefone ou email.

Serviço:

Exposição "Percursos Urbanos" por Zé Tarcísio

Visitação pública gratuita: a partir de 21 de fevereiro ao longo de 2014.

Local: Galeria do Palácio da Abolição (Rua Silva Paulet, 540 - Meireles)

Telefones de contato: (85) 3466 4981.

Horários: de terça à sexta-feira, das 9 horas às 17 horas. Aos sábados e domingos das 13 horas às 17 horas. Sempre com serviço de monitoramento e guias. É necessário apresentação de RG e CPF. Acima de 10 pessoas, agendamentos pelos fones (85) 3466 4981/ 3466 4932, ou via email visitaopalacio@casacivil.ce.gov.br.

Zé Tarcísio aos 50



01:30 - 28.04.2009



Em comemoração aos 50 anos de carreira, Zé Tarcísio lança a exposição "Caminhos da serigrafia", no Museu do Ceará.

Zé Tarcísio é daquele tipo de pessoa que sorri com os olhos. De fala mansa e jeito travesso, o artista parecia um menino de São Paulo, ao falar de "Caminhos da serigrafia", exposição que abriu, hoje, no Museu do Ceará.

A mostra dá início às comemorações dos 50 anos de carreira do artista. Ela reúne 15 desenhos recentes, em formato de serigrafia.

Esse trabalho é uma releitura de algumas obras produzidas, especialmente, nas décadas de 1960-1970. Um período marcado pelo "boom" das artes plásticas brasileiras e a atmosfera de horror e repressão da ditadura militar. Sou como um repórter das artes, pois registre todo esse contexto nas minhas gravuras", explica.

Religiosidade popular

De acordo com Zé Tarcísio, com a releitura dos trabalhos, as imagens ganharam um novo sentido: remetem à cena e personagens do imaginário popular presentes nas romarias de Juazeiro do Norte e das ex-votos de Canindé. Tais como: os pagadores de promessa, peregrinos, grupos deromeiros e a chamada "casa dos milagres", crucifixos, vigários e igrejas.

O artista durante a infância tinha o costume de acompanhar sua madrinha, Dona Luisinha, a Bibi, pelas andanças pelo interior. Logo, o interesse pelo universo da arte e da religiosidade popular não tardaria a chegar. "Lembro que aos nove anos de idade, fui com Bibi pagar uma promessa em Canindé. Lá, eu me perdi dela. Depois de muito tempo procurando, em meio aquela confusão de gente, escutei no rádio que ela estava me esperando na casa dos milagres. Quando cheguei no local, fiquei encantado com aquelas penas e brinco de madeira. A todo custo eu queria levar essas peças para casa", conta Zé sobre o começo de sua paixão pela tradição dos ex-votos.

A exposição também apresenta por meio da serigrafia o auge do período "pop" e da "nova figuração brasileira". Momento que marca sua inserção no panorama das artes plásticas nacional, com a mostra "Círculos", inaugurada no XV Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro (1966) e com grandes painéis na IX Bienal Internacional de São Paulo (1967), onde obteve o Prêmio de Aquisição Itamaraty.

Arte e formação

Para as pessoas que quiserem obter as gravuras que estão expostas, é possível adquiri-las na Loja da Associação de Amigos do Museu do Ceará.

As gravuras foram reproduzidas numa edição limitada, com tiragem de 30 unidades cada uma. Medindo 35 x 47 cm, em papel triplex 380, assinadas, numeradas, datadas, com carimbo em alto relevo e no verso o carimbo do Ateliê Zé Tarcísio.

"Caminhos da serigrafia", além de oferecer uma releitura da obra do artista, apresenta um espaço, onde ele enfatiza todo o método serigráfico de reprodução de gravuras. Inclui, com a introdução do computador no processo. Assim, o público pode conferir uma série assinada e numerada que conta um pouco da história da linguagem serigráfica.

Nesse espaço, os visitantes podem observar as fases da produção de uma gravura: fazer filme, tela matriz e a prova do artista. O material que é utilizado no procedimento "O museu não é só um espaço de exibição de obras, mas também deve contribuir para a formação de seu público. É por isso que junto a exposição acontecerão, até 30 de maio, oficinas de gravuras com alunos de escolas públicas", ressalta o artista.

Mergulhando em si mesmo, numa reflexão tão azul como seus pequenos olhos, Zé Tarcísio acredita que seu trabalho é um instrumento que lhe permite colaborar com a sociedade. Assim, quase que acordando de um sonho, ele diz: "Eu sinto que através da minha arte posso ajudar socialmente o meu país. Com isso, eu posso, por exemplo, dar o meu resado ao golpe militar. E, atualmente, ajudo na formação de pessoas menos favorecidas, por meio da realização de oficinas de arte", reflete ele.

Zé artista

Nascido em 1941 em Fortaleza, Zé Tarcísio inicia seus primeiros trabalhos aos 19 anos. Em 1942, viaja para o Rio de Janeiro, depois de ter conhecido o artista Antônio Bandeira. Frequenta, por dois anos, o Curso Livre de Pintura na Escola Nacional de Belas Artes, e em 1971, é comissionado por Walmyr Ajla para ser um dos representantes brasileiros na VII Bienal de Paris.

Sua obra mais famosa é "Regando pedras", escultura que conquistou o Prêmio XXXII Salão Nacional de Arte Moderna, em 1974, no Rio de Janeiro. Em 1976, a obra se transformou em aço, editado pela Empresa de Cimento e Telégrafos. Depois de viver mais de 20 anos na capital fluminense, retornou a Fortaleza em 1982, participando, desde então, de várias exposições coletivas e, também, individuais.

Entre as exposições de que participou, destacam-se: Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro, várias edições entre 1966 e 1974 (nestes Salões, conquistou os prêmios Isenção de Juri, 1972; prêmio viagem ao país, 1972 e prêmio viagem ao exterior, 1974); IX e XIV Bienal Internacional de São Paulo, 1967 e 1979 (Prêmio Aquisição, 1967); VI Bienal de Paris, França, 1971; Arte/Brasil/Hoje: 50 Anos Depois, na Galeria Collectio, São Paulo, 1973; Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna, São Paulo, 1975; 30 Anos: Atividades Artísticas, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1990; e Síntese da Fase Ecológica de Zé Tarcísio, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

TRAJETÓRIA

1941 Nasce José Tarcísio Ramos, em Fortaleza.

1960 Realiza os primeiros trabalhos em artes plásticas, no Rio de Janeiro. Incentivado pelo pintor Antônio Bandeira, ele vai morar nessa cidade. Lá permanece até 1981.

1966 Trabalha, orientado por Inimá de Paula até o ano de 1967.

1968 O artista é preso por 4 dias e mantido sob censura durante o governo militar.

1970 Em São Paulo, realiza figurinos e acessórios para a peça Cemitério de Automóveis, no Teatro Ruth Escobar.

1971 Viaja pela Europa, divulgando seu trabalho. Expõe na VII Bienal de Paris.

1966/74 Participa do Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. Conquistando os prêmios de Isenção de Juri, Viagem ao país e de viagem ao exterior. Nesse ano, o artista produz sua obra mais famosa, a escultura Regando pedras.

1975 Participa do Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna, em São Paulo.

1982 Retorna à Fortaleza e monta seu ateliê.

1990 Realiza atividades artísticas, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

2001 Realiza a curadoria da exposição Retratos: Belchior visto por grandes nomes e por ele mesmo, no Centro Cultural Obok.

2003 Leve a exposição sobre Belchior para o Rio de Janeiro, no Centro Cultural da Justiça Federal.